

SÉTIMO  
CENTENÁRIO  
DA MORTE  
DO REI D. DINIS  
1325 / 2025



# SÉTIMO CENTENÁRIO DA MORTE DO REI D. DINIS 1325 / 2025

## **FICHA TÉCNICA:**

Câmara Municipal de Odívetas - Gabinete de Investigação e Promoção  
do Mosteiro de Odívetas  
Património Cultural, I.P.  
Museus e Monumentos de Portugal, E.P.E.

## **Créditos fotográficos:**

Nuno Luís, GAP/CMO, Sergiy Scheblykin e Arquivo Nacional Torre do Tombo  
e Património Cultural IP.

## **Fotos de capa:**

Aproximação facial e pormenor da arca tumular do rei D. Dinis

Assinalam-se 700 anos sobre a morte de D. Dinis, uma das figuras mais marcantes da história do nosso país, cujo reinado deixou um legado indelével de desenvolvimento e modernidade. Constitui, por isso, motivo de grande orgulho o facto de Odivelas ter sido eleito por este monarca como local de repouso eterno, no imponente e magnífico Mosteiro que aqui ordenou erigir.

Pese embora tratar-se de um município jovem, a história deste concelho atravessa muitos séculos e importantes momentos do percurso de Portugal. Honrando esse passado, a Câmara Municipal tem apostado, com determinação, na recuperação e na salvaguarda do seu património histórico e cultural, tendo a passagem da gestão do emblemático Mosteiro de Odivelas para a esfera do município representado uma grande conquista.

Ao longo dos últimos anos, através do Projeto Integrado de Revitalização em curso, têm sido levados a cabo diversos trabalhos e ações no âmbito da recuperação do edificado, da conservação do espólio existente, do lançamento de várias publicações, assim como da organização de inúmeros eventos e atividades de dinamização cultural, com objetivo de transformar este monumento nacional num grande polo de conhecimento, de cultura e lazer.

Neste domínio, assume particular destaque o estudo pioneiro realizado ao rei D. Dinis. Uma operação que incluiu o restauro do túmulo do monarca e que proporcionou um momento inédito no nosso país, com a descoberta da espada régia que se encontrava desaparecida há sete séculos. Também com base em dados arqueológicos, antropológicos e genéticos desenvolvidos em contexto tumular e laboratorial, tornou-se ainda possível recriar o rosto do Rei 'O Lavrador', através de uma reconstituição facial 3D que foi apresentada na cerimónia de arranque das comemorações do sétimo centenário da sua morte.

O legado de D. Dinis é, por isso, parte integrante da memória coletiva dos odivelenses que deve ser defendido e preservado para as gerações futuras. O nosso compromisso assenta, pois, na consolidação do trabalho profícuo que tem vindo a ser desenvolvido neste espaço, na perspetiva da construção de um concelho de Odivelas cada vez mais qualificado e vibrante.

**O Presidente da Câmara Municipal,  
Hugo Martins**



Numa perspetiva integrada das várias dimensões da missão do Património Cultural - investigar, recuperar, salvaguardar e divulgar a herança cultural portuguesa - o projeto dos túmulos de D. Dinis e do Infante constitui um exemplo virtuoso de uma abordagem holística ao Património Cultural envolvendo, em parceria, a administração cultural competente, a academia e a administração local.

A investigação pluridisciplinar de figuras maiores da História de Portugal permite articular informações disponibilizadas pela documentação e pelas crónicas com os resultados da investigação científica, contribuindo, de forma ímpar, para o aprofundamento do conhecimento histórico e para a divulgação pública da História e Património associado.

A 27 de fevereiro de 1295, D. Dinis fundou o mosteiro de S. Dinis e S. Bernardo de Odivelas e instituiu, na igreja, o novo panteão real. Morreu em Santarém, a 7 de janeiro de 1325, rodeado pela sua mulher, a Rainha Isabel de Aragão, e pelos seus filhos. O seu corpo foi trasladado em solene cortejo até à igreja monacal, onde repousa num túmulo monumental que mandou edificar em frente ao altar mor.

Figura incontornável da História de Portugal, D. Dinis distinguiu-se pela implementação de profundas reformas nas áreas da cultura, da economia, do povoamento, da defesa e da organização política-territorial.

Sete séculos depois, honramos o legado deste monarca, conservando a sua arca tumular e procedendo à investigação arqueológica e antropológica do interior do túmulo. Do reconhecimento da reconstituição do rosto de D. Dinis à descoberta do esplendor do seu espólio funerário, o presente projeto aproxima-nos da figura do monarca que consolidou de forma notável, as bases do Estado Moderno português.

**João Soalheiro**

**Presidente do Conselho Diretivo do Património Cultural, I.P.**

O “Sétimo Centenário da morte do rei D. Dinis” assume uma dimensão única pela possibilidade que estabelece com o projeto de recuperação do espólio que integrava o túmulo deste monarca, sito no Mosteiro de Odivelas.

O sarcófago, que apresenta características únicas no âmbito da escultura tumular portuguesa e onde o rei surge representado numa estátua jacente, é referido como tendo estabelecido as bases da tumulária medieval que se lhe seguiu. Aberto em 2019, no âmbito de um restauro e estudo forense pioneiro em Portugal, tendo os restos mortais do monarca regressado ao túmulo em junho de 2023, no seu interior foi descoberta a espada do rei e vários têxteis, alguns de grande qualidade, que lançam luz sobre o cerimonial fúnebre da primeira metade do século XIV.

Os materiais recolhidos foram entregues para restauro no Laboratório José de Figueiredo, estando neste momento a ser intervencionados por técnicos altamente especializados, no âmbito de um trabalho de conservação e restauro multidisciplinar que permitirá desacelerar a sua degradação e garantir a sua exposição para usufruto de todos.

Este é o primeiro grande projeto com estas características em Portugal e se, do ponto de vista forense já foi possível apreciarmos a reconstituição do rosto de D. Dinis em três dimensões, a recolha de amostras de ADN permitirá estabelecer conexões entre este monarca e outros membros de famílias reais europeias seus contemporâneos. Mercê de estudos similares, entretanto ocorridos, a recuperação dos vestígios materiais será um dos aspetos fulcrais desta intervenção.

É com grande entusiasmo que a Museus e Monumentos de Portugal, E.P.E., se associa a este projeto, disponibilizando os seus técnicos para a preservação e exposição de um fascinante legado que lançará um pouco mais de luz sobre aquele que é celebrando como um dos mais carismáticos monarcas da primeira dinastia de Portugal.

Muito obrigado a todos os envolvidos.

**Alexandre Nobre Pais**

**Presidente do Conselho de Administração da Museus e Monumentos de Portugal, E.P.E.**



# NOTA INTRODUTÓRIA

A arca tumular do rei D. Dinis, localizada atualmente num dos absidiolos da cabeceira da Igreja do Mosteiro de Odivelas, foi objeto, ao longo dos séculos XIX e XX, de muitas intervenções realizadas com o objetivo de reparar os danos provocados pelo terramoto de 1755. Como era habitual na época, os restauros ficaram a cargo de mestres com pouca formação técnica. Muitos elementos da arca tumular e da sua decoração foram reinventados e, na última intervenção documentada, a arca foi coberta por uma aguada acinzentada. Se bem que a intenção fosse boa, o resultado foi bastante negativo: inviabilizou a leitura dos elementos originais do monumento e a distinção das intervenções realizadas ao longo dos tempos, bem como conferiu à arca um ar escurecido que foi, em época recente, associado a desleixo e abandono.

No âmbito de um projeto conjunto, iniciado em 2016, entre a Câmara Municipal de Odivelas e a então Direção-Geral do Património Cultural, os túmulos de D. Dinis e do Infante, localizados na Igreja do Mosteiro de São Dinis e São Bernardo em Odivelas, têm vindo a ser alvo de uma investigação multidisciplinar inédita em Portugal. O estudo envolve especialistas das áreas de Arqueologia, Antropologia, História, História da Arte, bem como Conservação e Restauro, provenientes da Câmara Municipal de Odivelas, do Património Cultural, I.P., da Museus e Monumentos

de Portugal, E.P.E. e de universidades e empresas independentes.

Durante estes trabalhos, algumas argamassas cederam, permitindo aos arqueólogos realizar um registo filmico e fotográfico do interior da arca. Observaram-se restos osteológicos humanos e outros depósitos, possivelmente contemporâneos da tumulação régia, mas também muitos materiais estranhos datáveis dos séculos XIX e XX.

Com base nos resultados desta campanha foi desenhado um novo projeto orientado para a salvaguarda, estudo e dignificação do contexto funerário. Este incluiu um levantamento documental exaustivo, a intervenção na cobertura da cabeceira da igreja, o fechamento de juntas e o restauro das pinturas das abóbadas,



a conservação e restauro de duas arcas tumulares, o estudo arqueológico e antropológico dos restos do monarca e do infante, a conservação e restauro do espólio que se viesse a identificar bem como o registo fotográfico e videográfico do processo.

Esta iniciativa marcou um passo decisivo no estudo da história e na preservação do nosso património. O trabalho realizado permite hoje partilhar com as novas gerações mais conhecimento histórico e científico sobre personalidades medievais da casa real e, ao mesmo tempo, desenvolver novos métodos de intervenção em monumentos nacionais. Este projeto tem sido possível devido ao esforço conjunto de equipas multidisciplinares, que juntaram diferentes saberes para salvaguardar e dar

nova vida à memória do nosso passado.

Desta forma, a investigação, amplamente apoiada pelo Município de Odivelas, resultou na abertura dos referidos túmulos, na exumação do espólio arqueológico e osteológico, com o consequente inventário e análise preliminar, bem como na conservação e restauro de ambas as arcas tumulares pétreas. De especial relevância, destacamos as vestes e a espada encontradas no interior do túmulo do rei.

O Mosteiro de Odivelas, fundado por D. Dinis, onde – não menos importante – o rei decidiu fazer-se sepultar, assume um lugar de destaque para a musealização do conteúdo tumular junto dos mesmos, sítos na Igreja do Mosteiro.

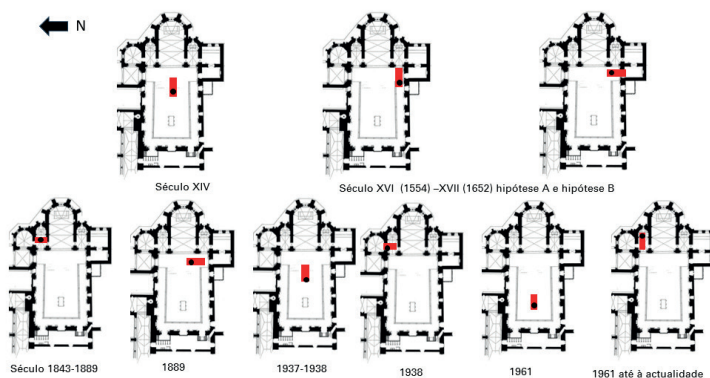
700 anos após a sua morte, apresentou-se publicamente a reconstrução facial científica do rei D. Dinis, baseada em dados arqueológicos, antropológicos e genéticos. A Aproximação Facial, é uma técnica de reconstituição do rosto de um indivíduo a partir dos seus restos mortais. No caso de D. Dinis foi possível realizar a aproximação facial a partir das informações contidas no seu esqueleto e, em particular, do crânio, que conservava a totalidade dos ossos.

A Câmara Municipal de Odivelas submeteu o projeto ao Programa Operacional Regional de Lisboa 2020 que seria aprovado em outubro de 2017.



# LINHA CRONOLÓGICA

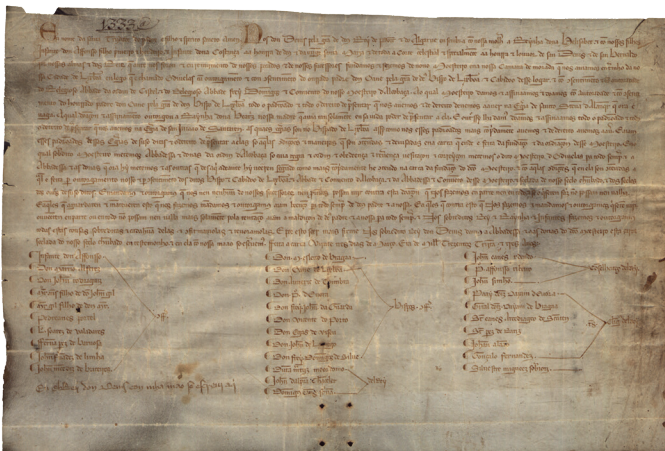
- **1261** - Nascimento de D. Dinis, filho do rei D. Afonso III de Portugal e da rainha D. Beatriz de Castela
- **1279** - Sobe ao trono como rei de Portugal
- **1294** - Pedido de D. Dinis ao Capítulo Geral de Cister para fundação de mosteiro feminino, na sua propriedade Quinta de Vale de Flores, em Odivelas
- **1295** - Fundação e dotação do Mosteiro de São Dinis e São Bernardo de Odivelas
- **1295-1325** - Dotação e concessão de privilégios ao Mosteiro de Odivelas
- **1297** - Assinatura do tratado de Alcanizes com Leão e Castela, fixando os limites de Portugal
- **1318** - Instituição de capela funerária no mosteiro por parte de D. Dinis
- **1319** - Pela Bula *Ad ea ex quibus* do papa João XXII, foi criada a Ordem de Cristo
- **1320 - 1324** - Guerra civil que opôs o rei ao seu filho e futuro D. Afonso IV
- **1324** - D. Dinis realiza o seu terceiro testamento, onde confirma a sua vontade de ser sepultado na igreja do Mosteiro de Odivelas
- **1325** - Morte e sepultamento de D. Dinis na igreja do Mosteiro de Odivelas



Localização do túmulo de D. Dinis ao longo dos tempos  
Imagem provisória  
Fonte: Maria Antónia Amaral PC, IP.



Testeira da arca tumular de D. Dinis, representação da cena "A Boa Morte de D. Dinis", Igreja do Mosteiro de São Dinis e São Bernardo de Odivelas



*Eu el-rey D. Denis com mha mão so escreui aqui*  
 "Tomo dos títulos das doações das igrejas de Santarém, Alenquer, Frielas e Lumiar, e títulos dos seus padroados"  
 Ordem de Cister, Mosteiro de São Dinis de Odivelas, liv. 2, fl. 2  
 Imagem cedida pelo ANTT



# CONSERVAÇÃO E RESTAURO DA IGREJA DO MOSTEIRO DE ODIVELAS

## RECUPERAÇÃO DAS COBERTURAS, VÃOS E PARAMENTOS

A Câmara Municipal de Odivelas, com o acompanhamento técnico da DGPC, promoveu trabalhos de conservação e restauro da Igreja do Mosteiro de Odivelas, nomeadamente de coberturas, vãos e paramentos. Estes trabalhos prévios ao restauro dos túmulos foram necessários no sentido de assegurar a resolução de problemas estruturais na cabeceira da Igreja. Os trabalhos decorreram entre novembro de 2018 e abril de 2019.

Os trabalhos no interior e exterior da cabeceira da Igreja, a cargo das empresas RFN, Lda./ STATUA, Lda., consistiram num conjunto de ações de conservação dos materiais pétreos que revestem as capelas correspondentes aos absidiolos laterais e ao altar-mor, incluindo a substituição total dos telhados.

O estado de conservação das superfícies em pedra era complexo e heterogéneo, enquanto as abóbadas se apresentavam em muito mau estado de conservação, os paramentos das paredes estavam razoáveis.



# INTERVENÇÃO DOS TÚMULOS DE D. DINIS E DO INFANTE



A abertura do túmulo do rei D. Dinis teve lugar no dia 9 de outubro de 2019.

Para além das observações registadas pelo endoscópio, a informação recolhida a partir das fontes escritas - documentos, crónicas e bibliografia -, ponto de partida de qualquer intervenção arqueológica, foi muito importante para a definição da metodologia arqueológica a aplicar.

A primeira observação do contexto funerário - o caixão de madeira, depositado na arca tumular, em mau estado de conservação e já sem vestígios da tampa e o depósito funerário perturbado e com intrusões recentes - deixou claro que deveríamos ajustar essa metodologia continuamente, respondendo aos múltiplos desafios que a intervenção colocava à medida que o processo se desenvolvia.

Em primeiro lugar era necessário entender todos os processos de adição de natureza artefactual posteriores ao

contexto inicial, identificar a sua cronologia e a sua relação entre si. A exumação do conteúdo da arca tumular seria, assim, feita pela ordem inversa à sua deposição, ou seja, removeríamos primeiro todas as unidades mais recentes até atingirmos o contexto original do sepultamento.

O contexto de 1325 levantava igualmente enormes desafios: em primeiro lugar porque também se encontrava parcialmente revolvido e, em segundo lugar, pela natureza e estado de conservação do espólio. Por isso muitas das opções metodológicas - de análise, registo e inter-relação de unidades - foram realizadas em conjunto, quer com a equipa de antropologia, no caso dos restos do rei, quer com a equipa de conservação e restauro, no caso dos têxteis, das madeiras e dos metais, de forma a salvaguardar ao máximo a sua integridade.

A título de exemplo, após o registo

e limpeza dos depósitos que cobriam a espada, constatou-se que o estado de conservação da madeira da bainha era bastante vulnerável tornando necessária uma intervenção de pré-consolidação, ainda no interior do túmulo, que foi realizada pelas técnicas de conservação e restauro. Da mesma forma, no que diz respeito às almofadas onde o rei teria repousado, a arqueologia procedeu à limpeza, ao registo e à análise da relação com as outras unidades, mas, dada a fragilidade do conjunto, foram as conservadoras dos têxteis que as aspiraram e as retiraram em bloco, com o apoio da arqueologia, para posteriormente serem tratadas em laboratório.

A equipa de arqueologia recorreu ainda a técnicas de registo gráfico e fotográfico, nomeadamente ao registo ortofotográfico, com Modelo Digital de Elevação associado, ao desenho arqueológico, à radiografia (raio-X) e ao registo de laboratório, nomeadamente quando se procedeu ao levantamento em bloco de elementos delicados.

Os resultados da investigação arqueológica constituem contributos ímpares para o conhecimento das práticas funerárias associadas à casa real – como era arranjado o espaço sepulcral, de que forma o féretro foi depositado, que bens o acompanhavam, que tipo de enxoval funerário se elegeu – ou ainda para o entendimento da tipologia e da arquitetura do ataúde.

O espólio identificado nesta intervenção – a túnica, o manto, a cobertura da cabeça, a eventual bolsa sobre a espada; as cores, os moldes, os forros; as almofadas; a espada, as fivelas de calçado (ou, eventualmente, das esporas) – constitui um conjunto de artefactos de enorme interesse, pela sua raridade, singularidade, qualidade e antiguidade.



# TÚMULO DO INFANTE

A arca tumular do Infante foi aberta em 25 de julho de 2019.

A primeira observação revelou também um contexto perturbado. O caixão de madeira, colocado ao centro da arca pétrea, pela sua reduzida dimensão, correspondia a uma inumação infantil.

Na cota altimétrica superior, apresentava duas tábuas soltas e desarticuladas, de dimensões desiguais, correspondentes às extremidades da cabeceira e dos pés. As tábuas longitudinais e do fundo encontravam-se ainda *in situ*, embora não subsistisse qualquer vestígio da tampa. Este facto poderá relacionar-se com abertura ocorrida no século XIX, ou mesmo em data anterior. A hipótese é reforçada pelo testemunho de Borges de Figueiredo, que menciona ter sido encontrada “uma caixa de madeira já desconjuntada”. As cunhas em madeira observáveis podem ter auxiliado o processo de abertura.

As tábuas do caixão, todas monólitas, apresentam tachas em liga metálica, por vezes com vestígios de douradura, pregadas na face interna e na externa, que parecem ter sido utilizadas para prender os tecidos que ornamentavam o ataúde.

No interior foi identificado um conjunto osteológico humano que se encontrava disperso, desarticulado e sem qualquer conexão anatómica. Alguns ossos repousavam sobre a tábua do fundo, enquanto outros estavam envoltos pela massa de tecidos de diferentes naturezas.





A metodologia arqueológica adotada seguiu, em parte, os procedimentos utilizados no túmulo do rei. Após a remoção dos materiais soltos - primeiros os mais recentes e depois os mais antigos -, foi realizado um exame radiográfico ao conjunto de tecidos para averiguar que artefactos podiam conter, concluindo-se que envolvia maioritariamente restos osteológicos e alguns metais (pregos e tachas). Como a tábua do fundo se encontrava em excelente estado de conservação, optou-se por retirar o conjunto em bloco, para que pudesse ser tratado em laboratório pelos especialistas de antropologia e pela equipa de conservação e restauro.

O espólio identificado nesta intervenção - os têxteis que correspondiam a trajes infantis os botões, as tachas e os pregos - constitui igualmente um conjunto de enorme relevância para o estudo dos rituais associados à infância, na Idade Média.

# APROXIMAÇÃO FACIAL DO REI D. DINIS

700 anos após a morte do rei D. Dinis, no dia 7 de janeiro de 2025, foi apresentada publicamente a reconstrução facial científica do Rei, baseada em dados arqueológicos, antropológicos e genéticos.

A análise antropológica foi realizada por uma equipa da Universidade de Coimbra, liderada pela Professora Doutora Eugénia Cunha, com a participação do Instituto Nacional de Medicina Legal e Ciências Forenses - Serviços de Química e Toxicologia e Biologia e Genética Forenses, com o Laboratório de Aqueociências do Património Cultural IP. e com a Clínica Affidea.

Em simultâneo, contou, igualmente, com o envolvimento de especialistas mundiais: University John Mores Liverpool, Face Lab; University of Pensilvania, EUA; University of Waikato, Nova Zelândia; University of Leicester, Reino Unido; Australian Center for Ancient DNA, University of Adelaide, Australia e o Max Planck Institute, Leipzig, Alemanha.





100 ANOS DO REINO DE D. DINIS 1185-1225



# ESTUDO DOCUMENTAL DO MOSTEIRO DE ODIVELAS

No âmbito da investigação sobre D. Dinis e o Mosteiro de Odivelas, o Município de Odivelas celebrou em 2020 um Protocolo de Colaboração com a Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas, entidade responsável pelo Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), tendo como objetivo a descrição, conservação e restauro, digitalização e disponibilização *online* da Documentação do Mosteiro de Odivelas.



Este projeto, financiado pelo Município, conjugou esforços no tocante à salvaguarda, valorização e conhecimento público do património documental do Mosteiro de Odivelas.

Atualmente, o fundo documental já se encontra online, na sua totalidade, no site do referido arquivo, tendo sido publicada em 2021 a obra “Mosteiro de Odivelas: documentos fundacionais” que apresenta estudos que incidem sobre documentação deste período.

# MEMÓRIA DA ESPOSA: RAINHA D. ISABEL

A rainha D. Isabel (1270-1336), esposa de D. Dinis, foi uma figura histórica ligada à fundação do mosteiro, estando inicialmente previsto o seu sepultamento na igreja. No seu segundo testamento deixou uma doação para a enfermaria.

No século XIX, é referida a existência de uma capela, no Claustro Novo, dedicada à rainha, da qual, provavelmente subsiste o brasão que se encontra na igreja, encimando um pórtico, do lado do Evangelho.



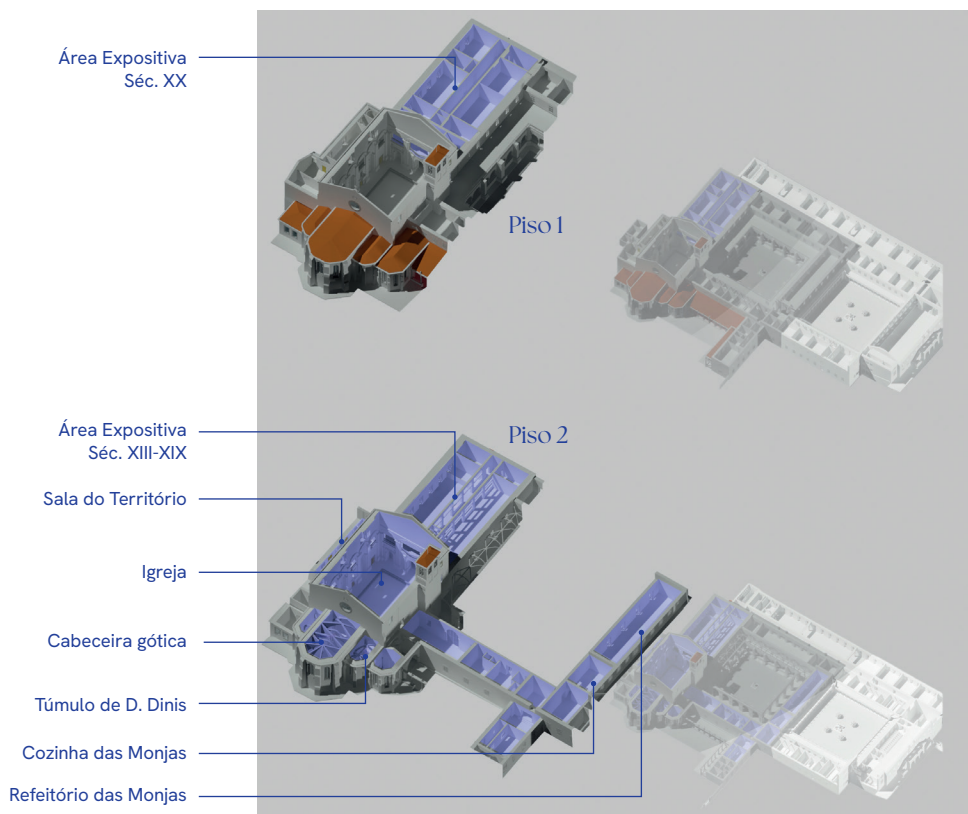
O quadro “Rainha Santa Isabel”, possivelmente datado do século XVII, de autor desconhecido, foi restaurado em 2025.

A rainha, é representada, de corpo inteiro, coroada e em traje de corte, à moda espanhola, com a evocação do “Milagre das Rosas” no regaço. Na parte superior do quadro, no lado esquerdo, está representado um anjo que tem nas mãos uma grinalda de flores numa clara alusão à sua santidade, que ocorreu com a sua beatificação em 1516 e com a sua canonização em 1625. No canto superior direito, está o seu brasão de armas, coroad e bipartido, com as armas de Portugal e Aragão.

# PLANTA DO PROJETO MUSEOLÓGICO

No âmbito do projeto integrado de revitalização do Mosteiro de Odivelas, está em curso o projeto de musealização que irá contar a história deste complexo patrimonial, desde a sua génese até à atualidade. O museu irá contemplar os espaços conventuais: Igreja (túmulos de D. Dinis e do Infante), Sala do Capítulo, Claustros, Cozinha e Refeitório das Monjas, bem como espaços de exposição, permanente e temporária, gabinetes de conservação e restauro, reservas e centro de documentação.

## PROJETO MUSEOLÓGICO



# MOSTEIRO DE ODIVELAS, UM MUSEU EM CONSTRUÇÃO

A exposição de longa duração, inaugurada em 2023 e patente no Refeitório das Monjas, procura recriar o ambiente do futuro espaço museológico, tendo em conta os objetivos estratégicos e metodologias no âmbito do trabalho pluridisciplinar, que se desenvolve.



Procura-se apresentar as componentes de iluminação, mobiliário e comunicação acessível, com uma seleção de peças de acordo com originalidade, representatividade cronológica, tipologia e significado, que serão a base da futura unidade expositiva.



SÉTIMO  
CENTENÁRIO  
DA MORTE  
DO REI D. DINIS  
1325 / 2025

